



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS NECESSÁRIOS PARA
A DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA
GT 6: Fundamentos da Educação**

Maria Aparecida Gomes Barbosa¹, Mariana Pricilia de Assis²

^{1,2}*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN),*

¹*cidaufpe@yahoo.com.br/*²*marianasonhadora@hotmail.com*

O presente estudo apresenta o impacto que a disciplina de Fundamentos da Educação teve para futuros professores de geografia, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN, do Campus Pau dos Ferros, alto oeste potiguar. Trata-se de uma resenha teórica, cujo corpus teórico é formado por Bruner (2001), Barbosa (2014), Cury (2013), Duarte (2004), Freire (1996), Marconi e Lakatos (2010). Pretendemos através desse trabalho abordar os modos de pensamento Científico e Narrativo, estudados por Bruner e Barbosa e, que explicam como o estudante universitário se apropria do saber disciplinar, inerente ao curso. Em contrapartida como se dá a docência universitária dos dias atuais, onde o professor professa uma única verdade. Enquanto, os estudantes vivem em ambientes sociais hiperestimulado, a instituição formadora dos futuros professores é estática e, não considera adequado os comportamentos dos estudantes - que transitam entre esses dois modos de pensamento - e, por este motivo considera-os inadequados para o ambiente acadêmico. Estes são os resultados prévios encontrados por nós, após as leituras e as provocações dos encontros da disciplina em tela. Este estudo nos leva a refletir, enquanto futuros educadores, que tanto a escola, mas, principalmente a universidade, insiste em cristalizar os comportamentos dos sujeitos que dentro de seus muros estão.

Palavras-chave: modos de pensamento, fundamentos da educação, docência universitária, ambientes hiperestimulados.

Introdução

Durante as aulas da disciplina fundamentos da educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no Campos De Pau Dos Ferros tivemos a oportunidade de fazermos uma reflexão sobre “o que é educação”, uma pergunta que nunca tivemos a curiosidade de responder e levantar questionamentos, então através das leituras prévios e discussões da disciplina percebermos como ela é vista de acordo com diferentes aspectos, seja por parte da escola, dos jovens, dos professores, dos pais, sendo que cada um tinha um modo de pensar, e que alguns não sabem o seu real sentido. Resultante de cada aula da disciplina citada acima não era conteúdos programados para a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

memorização. O objetivo da prática pedagógica da professora era que analisássemos o impacto da educação na vida dos nossos futuros alunos quando formos docentes.

Analisamos como se deu o surgimento da educação, desde a Grécia antiga até os dias atuais, em que alguém educado, era uma pessoa civilizada, onde pensadores como Sócrates dialogavam em praças públicas em busca de respostas, para suas perguntas. De acordo com os estudos realizados na área percebe-se que existe um grande déficit no ensino e enquanto não refletirem e perceberem que isso precisa ser mudado, a educação permanecerá esse sistema de valores, que busca somente expor números que satisfaçam o estado, formando alunos sem consciência crítica e que com certeza mais a frente sofreram com essa falta, e terão que aprender com suas próprias experiências.

Dentre muitas leituras sugeridas, uma, em particular nos trouxe muita inquietação, foi o livro *Cultura da Educação* de Jerome Bruner (2001). Sobretudo, quando ele aborda a perspectiva da educação a partir das culturas, uma vez que esta exerce bastante influência durante todo o processo escolar do sujeito. Bruner enfoca que a escolarização vem perdendo seu sentido, principalmente para o jovem contemporâneo, pois em todos os níveis de escolarização – da educação infantil à universidade, o estudante passa por uma padronização da mente, vendo-a como um dispositivo, como o de um computador, que precisa de padrões e regras para avaliar os dados, e outra afirmando que a mente humana sofre a influência da cultura, ou seja, os costumes que foram herdados, e que de alguma forma influenciam o seu modo de pensar e agir na sociedade.

Todos nós possuímos algum talento, seja no modo como algumas pessoas usam a mente, o corpo, a voz, ou outros meios de expressá-lo, o fato é que nem todos têm oportunidade de mostrá-los, pois a sociedade é muito excludente e acaba selecionando apenas aqueles que lhe forem convenientes, e isso infelizmente também ocorre nas escolas, um aluno é excluído pela sua cor de pele, sua classe social, e pelas suas incapacidades. Assim como no caso dos deficientes físicos, que não são envolvidos em atividades culturais como danças, apresentações, e teatro, por ser tratado como “diferente” dos outros, ficando apenas como ouvinte, algo inaceitável, já que a escola é tida como um ambiente que promove a interação, em alguns casos ele nem mesmo participa das atividades normais de sala de aula, pois devido ao número de alunos, o professor não pode dar a devida atenção aquele aluno, mas diante disso, onde estão os direitos desse aluno, caso fique em



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

casa, as autoridades iram até sua residência saber o porquê que aquela criança não está indo a escola, mas quando a mesma comparece, é tratada como se não fizesse parte daquele meio.

De fato, o nosso sistema de ensino precisa melhorar muito nesse quesito de impedir a exclusão e favorecer a interação, ela ainda possui um caráter muito seletivo, estabelece regras que de alguma forma geram essa separação, como dizer quais esportes são apropriados para meninos e meninas, qual profissão se adapta as capacidades de cada um. Mas, como afirma Bruner (2001)

[...] A educação não se mantém por si só nem pode ser planeada como se o fizesse. Ela existe numa cultura, seja ela o que for mais, tem a ver com o poder, com as distinções e com os prêmios [...]. (BRUNER, 2001, p.51)

Assim, é notório que a escola sofre influência da cultura, e essas distinções estão presentes nela, ou seja, é uma herança cultural, então, meninos vão treinar futebol e meninas vão fazer balé. É cultura brasileira, ou tornou-se brasileira.

Metodologia

A trilha metodológica deste estudo é uma pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos (2010), numa busca e consulta a toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. Este estudo, portanto, promove o diálogo de teóricos sobre os fundamentos da educação, enquanto disciplina curricular, do curso de Licenciatura em Geografia e a docência universitária. Assim, o corpo teórico do estudo em tela é formado por Bruner (2001), trazemos a obra *Cultura Da Educação*, é inserido o diálogo com Barbosa (2015), através da obra *Docência Universitária: um debate em construção*, Cury (2013), discorrendo os fundamentos necessários para a educação de qualidade com a obra *Pais Brilhantes... Professores Fascinantes*. Duarte (2004), trazendo a obra *Aprender a Aprender*, as teorias críticas às apropriações neoliberais e pós-moderna da teoria vigostskiana, traz diálogo com Freire (1996), obra fundamental para a educação; *Pedagogia da Autonomia*, saberes necessários para à prática educativa e, Marconi e Lakatos (2010).

Este estudo está dividido em três seções: (i) a primeira enfatiza a instituição escolar e o impacto na autoestima do jovem contemporâneo; (ii) a segunda seção contextualiza os modos de pensamento, na percepção de avaliar a construção do conhecimento científico e narrativo: (iii) a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

terceira seção discute como a docência universitária contribui na formação da autoestima dos graduandos de geografia, futuros profissionais da educação.

1. Instituição escolar: Impacto na autoestima do jovem contemporâneo

Quando a escola se institucionaliza ela acaba passando por alguns problemas comuns a todas as instituições, o que a distingue das demais é o fato de que ela lida com jovens e crianças, tendo grande influência sobre o papel que cada um terá dentro da sociedade, o que irá lhe definir como sujeito. Muitas vezes as instituições são comparadas a um mercado onde as pessoas negociam as suas capacidades e seus conhecimentos, buscando ganhar privilégios e distinções, e acaba gerando competições, para saber qual prevalece sobre a outra. O mesmo acontece na escola, fazendo com que os alunos busquem tirar as melhores notas, não importando se realmente estão aprendendo ou apenas decorando, o importante é que a escola ganhe a reputação de ter o maior número de alunos aprovados, com as melhores notas, sendo reconhecida pelo estado.

Ao tratarmos sobre a autoestima dos estudantes, devemos lembrar que ela pode ser influenciada por diversos fatores, mas principalmente pela escola, se o estudante não sente entusiasmo, não é instigado pelo professor, ele conseqüentemente não conseguirá enxergar outros caminhos e as oportunidades que lhe aparecerem no decorrer da sua vida, pois a escola é responsável pela criação do “si mesmo”, que possibilita que o indivíduo através de suas experiências possa conhecer a si, e ao outro. Mas para isso deve-se levar em consideração dois aspectos da ipseidade que é a ação e a avaliação.

Através da ação o indivíduo pode seguir aquilo que ele deseja realizar por si mesmo, seus sonhos, e possui a habilidade de saber-fazer. Esse “Si mesmo” é capaz de regular seus interesses, sua confiança e tem seus próprios objetivos. Então esse deveria ser o objetivo da escolar: formar pessoas autônomas capazes de defender seus direitos e expor suas opiniões, encarando as dificuldades como uma forma de adquirir mais sabedoria. Mas dentro desse processo existe a possibilidade do fracasso e do êxito e também o surgimento do individualismo como a cultura do *selfie* que é algo bastante atual hoje em dia e que nos remete a questão da auto gestão do conhecimento que Kant defendia, pois hoje o jovem tem um grande conhecimento acerca das tecnologias, o que o torna alguém autônomo que é capaz de defender sua própria opinião através de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

algo que ele viu na internet, então o jovem está cada vez mais dependente da tecnologia, e a geração *selfie* está tão preocupada olhando para si mesmo, que não consegue enxergar o outro, o que causa o individualismo, julgando não precisar de ninguém.

Conclui-se que a autoestima trata-se de um sentimento muito complexo, que vai sendo retroalimentado ao longo da vida, mas a escola precisa perceber o quanto ela influencia a vida desses jovens, e o quanto pode mudar o futuro que eles terão, mostrando que são capazes de enfrentar o mundo, dentro e fora da escola, tornando-os sujeitos críticos e pensantes que contribuirão para a construção da sociedade que segundo Cury (2003)

Bons professores têm uma boa cultura acadêmica e transmitem com segurança e eloquência as informações em sala. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Eles procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. Para eles, cada aluno não é mais um na sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares [...] têm como objetivo que seus alunos sejam líderes de si mesmo (CURY, 2003, p.43)

2.Modos de pensamento: impacto na formação da identidade

O modo de pensar e sentir, fazem com que o sujeito – desde a mais tenra idade - construa o seu mundo pessoal, e para isso o ser humano usa dois modos de organizar o seu conhecimento de mundo:

[...] São dois os modos genéricos como os seres humanos organizam e gerem o seu conhecimento de mundo, e até estruturam a sua experiência imediata: um parecer mais especializado para tratar de “coisas” físicas, o outro, para tratar das pessoas e suas obrigações. A esses se chamam convencionalmente o **pensamento lógico-científico** e o **pensamento narrativo**. (Bruner, 2001, p.65). (grifo nosso)

Bruner não menospreza o pensamento lógico-científico, ele apenas mostra que a forma como ele é repassado para os alunos faz com que os mesmos a vejam como “chata”, então ele defende que deveria se inserir a narrativa na ciência:

[...] para muitos dos jovens presentemente na escola, a “ciência” se tornou aparentemente “desumana”, “insensível” e “desmobilizadora” – a despeito dos válidos esforços de professores de ciências e matemática e suas associações. Na



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

verdade, a imagem da ciência enquanto empreendimento humano e cultural podia ser aperfeiçoada, se fosse concebida como uma história de seres humanos superando as ideias recebidas. [...] podemos ter errado ao divorciar a ciência da narrativa de cultura. (Bruner, 2001, p.69)

Desde sempre a ciência trata apenas de teorias, e pensadores do passado, contando suas histórias de uma maneira que não prende a atenção do aluno, já que o mais importante é a forma como elas são narradas. Então o professor teria que criar uma forma de inserir o aluno naquele contexto, para que ele possa se sentir importante naquele ambiente, e saber que aquela história poderá influenciar o modo como ele vê determinadas situações.

Fazer parte do mundo, se ver nas histórias, é também um ato de imaginação, o mesmo acontece quando lemos um livro, e no decorrer da narrativa imaginamos todo o contexto daquela história na nossa mente, e muitas vezes nos colocamos no lugar dos personagens, por isso que ao terminar um livro, sabemos contá-lo perfeitamente a outra pessoa, simplesmente por que a gente se viu dentro daquela situação, e gostou de fazer parte dela. Mas não estamos excluindo o pensamento lógico - científico, pois ele tem um valor muito grande e já faz parte do currículo escolar, já que vivemos em uma cultura tecnológica, apesar de muitas vezes a ciência ser vista como desumana por parte dos jovens, existem alguns que a acham fascinante. O que se poderia fazer era tornar a ciência um pouco narrativa, uma matéria que conta através de histórias, descobertas importantes feitas por pessoas que superaram as ideias concebidas.

A educação deve ajudar os indivíduos que estão em crescimento a se inserirem dentro de sua cultura, buscando sua identidade através da narrativa, por isso que a educação é vista como arriscada, por que ela alimenta o sentido da possibilidade como diz Bruner (2001):

[...] A educação não se limita a um simples assunto técnico de processamento de informação bem administrada, nem mesmo à mera questão de aplicar nas aulas “teorias de aprendizagem” ou de usar os resultados da “prova de realização” centrada no sujeito. A educação é uma complexa procura no sentido de ajustar uma cultura às necessidades dos seus membros e de ajustar os seus membros a seus modos de conhecer às necessidades da cultura. (BRUNER, 2001, p.70)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A educação é isso que Bruner (2001) concebe, não é apenas um simples sistema de processamento de informações, ela é principalmente um meio de ajustar os indivíduos, ou seja, os alunos dentro da sua cultura, dentro da sociedade, para que possam aplicar os seus conhecimentos no seu cotidiano, através do seu pensamento crítico, e passando isso para os demais por meio do diálogo e da coletividade.

A necessidade do diálogo, da negociação para que os sujeitos aprendestes encontrassem sentido naquilo que aprendiam, aprendem também é definido por Freire (1996)

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a serenidade [...] essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educados criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (FREIRE, 1996, p .13-14).

3. Contribuição da docência universitária para a formação da autoestima dos graduandos de geografia

Barbosa (2006) afirma existir na universidade dois tipos de docências: a Centrada no ensino, onde o professor é o polo central. Se o aluno aprende, está cumprindo com a sua função, se não aprende, a culpa é unicamente dele, afinal, ao professor cabe apenas ensinar, como sinônimo de transmitir o conteúdo, para depois, nos momentos estanques das avaliações esses ensinamentos, que nada além de informações despejadas nas avaliações que, por sua vez estimulam meramente a memorização. É uma devolutiva bem fiel ao exposto verbalmente pelo professor em sala de aula, comumente via slides.

A outra docência que Barbosa (2006) enfatiza é a Docência voltada para a aprendizagem. Nesta o polo central é o aluno, é a partir de seus conhecimentos prévios, cujos sentidos são negociados pelo professor. Nesta tipologia de docência há grande estímulo por parte do professor para que o estudante da graduação fale, exponha o seu ponto de vista, faça reflexões acerca de leituras e as discussões que permeiam todo o evento da aula, constituindo-se assim num evento, de fato interativo e, tornando o estudante o sujeito autoral de suas narrativas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ou seja, não dá para simplesmente transmitir informações aos estudantes, principalmente na Academia (universidade), onde se pressupõe que lá estão adolescentes, jovens e adultos que precisam ser autores das suas reflexões, precisam construir, reconstruir conhecimentos e não tão somente reproduzi-los, pois se assim o for não há como sua autoestima ser elevada, tampouco como ele se reconhecer protagonista da sua formação.

Para o ensino ser inovador a universidade tem que avaliar os conceitos fundamentais para possibilitar aos educandos a terem a autoestima, pois é fundamental para a construção do saber autônomo do indivíduo. O ensino de todas as instâncias educativas na atualidade é único: o método cartesiano, que em quase nada influencia na formação de seres autômatos, ou seja, que não falam por conta própria, não são autorais nas respostas das avaliações, nos pseudo-questionamentos em sala de aula. O que os estudantes universitários aprendem na instituição formadora é serem repetidores de informações. Como possibilitar aos futuros alunos um saber diferenciado, se estes, durante o processo formativo, ou seja, que estão sendo formados professores, estão, de fato, engessados, cristalizados, numa fôrma de práticas nada criativas, nada reflexivas?

No momento contemporâneo percebe-se que o alvo principal de algumas universidades é manter o percentual do “excelente aprendizado”, mas com o objetivo de satisfazer o estado e, não em causar impacto eficiente para o discente, além disso percebemos que o modelo preconizado pelas disciplinas, no ato de educar não é de qualidade, pois contribui na formação do profissional repetitivo, com possibilidade de transmitir práticas repetitivas ao aluno. Encontramos, na academia, jovens que agem, pensam e são diferentes e, utilizam múltiplos discursos para se expressarem, muito próprios ao seu tempo, pois, como afirma Bruner (2001).

O modo mais ou menos adequado como o estudante procede quanto ao domínio e ao uso das capacidades, do conhecimento e da maneira de pensar dependerá do grau de favorecimento e de capacitação da “utilização” cultural que o professor disponibilize ao aluno [...] os contextos culturais que favorece o desenvolvimento são sobretudo e inevitavelmente interpessoais, pois envolvem permutas simbólicas e incluem uma variedade de iniciativas conjuntas com colegas, pais e professores. (BRUNER, 2001, p 99).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Parece-nos que assim como séculos atrás quando a instituição escolar foi instituída sob a égide da igreja, em professar uma única verdade e, aproximar o cidadão de Deus, através do conhecimento, o que só se conseguia através das palavras do sacerdote e, agora através do professor, em plena era pós-moderna, com tantas ferramentas tecnológicas, a instituição escolar (da creche à universidade), incute na cabeça dos seus agentes – professores e estudantes –, que este é o modelo, ainda, a ser seguido. E as subjetividades humanas? Bem, adquirir conhecimento é coisa divina, não está, portanto, relacionado ao ser humano. Será?!

Achados do estudo

Através desse estudo socializamos a reflexão sobre a disciplina Fundamentos da Educação, sobretudo, o impacto que a mesma exerceu em nós, como futuros professores de geografia, mas, sentindo-nos mais responsáveis do que nunca pela formação integral do ser humano. Bem como, o impacto positivo que a mesma terá nas nossas práticas pedagógicas, quando formos professores, porque, sem dúvida, é um exemplo que pretendemos seguir. Na verdade, num ambiente tão conteudista quanto a universidade, ter a experiência, não somente desta disciplina, fundamental para nós, estudantes de licenciatura em geografia, mas, principalmente, termos oportunidades diversas de reflexões e discussões, de construção das aulas, não apenas de despejo de informações.

O *modus operandi* da professora, nos fez enxergar que a universidade, o ambiente frio e cristalizado da academia pode ser sim um ambiente prazeroso e, que estudar vale muito à pena, mas, estudar, produzir conhecimento, refletir sobre ele, ser um sujeito autoral desse conhecimento e, não tão somente reproduzidor dele. O resultado deste estudo revela que o ato de educar das instâncias educativas precisa ser reavaliado para poder proporcionar aos sujeitos educandos uma formação eficiente, enfatiza-se que o principal objetivo da educação deve ser possibilitar aos discentes a autoconfiança de se mesmo, para resultar no aprendizado de qualidade. Através da prática dos fundamentos necessários para construir o conhecimento, pode-se haver inovação no ato de educar os jovens contemporâneos. Dessa forma, ser professor consiste em ter um papel responsável para ascensão do sujeito, tanto profissional como humanamente.

Assim, cabe a este docente refletir que ele é a peça fundamental para criar a possibilidade de o aluno montar o quebra cabeça do próprio aprendizado, ou seja, constituir-se, emponderar-se da



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

importância dele mesmo gestar e gerir o seu conhecimento. Portanto, esse estudo da construção do saber por várias vias é extremamente relevante para o estudante de licenciatura – futuro professor -, iniciem um processo, ainda na universidade, de reflexão e crítica acerca de suas futuras práticas pedagógicas.

Referências:

BARBOSA, M.G. **Formação Humana: O Pensamento Narrativo e o Pensamento Científico Integrados.** V SETEPE, 2014. Disponível em:

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/setepe/?id=20>

BARBOSA, M. G. **Docência universitária: um debate em construção.** Recife: Editora da UFPE, 2008.

BARBOSA, M. G. **De comunicador social a professor universitário.** A construção dos saberes docentes. Dissertação de Mestrado. PPGE/UFPE. 2006.

BRUNER, J. **Cultura da educação.** Lisboa: Casagraf Artes Gráficas, 2001; disponível em: <<http://filosofiaartevida.blogspot.com.br/2012/11/biografia-de-jerome-bruner.html>>. Acesso em 01 jun. 2015.

CURY, A. **Pais brilhantes e professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

DUARTE, N. **Aprender a aprender.** Críticas às apropriações neoliberais e pós-moderna da teoria vigostskiana. 3. Ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARCONI, M. A., LAKATOS E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.